



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com sindicalistas

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

...já causou muitos prejuízos. E acho extremamente importante que vocês estejam preocupados em propor alternativas. Além da reunião do G-20, a presidenta da Argentina, a companheira Cristina, e eu assinamos um documento exigindo que na próxima reunião do G-20 a OIT seja convidada a participar da reunião, porque não é justo que esteja lá o FMI, que esteja lá o Banco Mundial e outras instituições multilaterais, a OMC, e não estejam os companheiros da OIT.

A Organização Mundial da Saúde também mandou um documento para mim, pedindo que eu intercedesse junto ao G-20, que eles gostariam de participar da reunião do G-20 para que não haja redução dos investimentos na área da saúde, por conta da crise.

Eu penso que a coisa mais importante que aconteceu em Londres, na reunião do G-20, foi a gente tirar a palavra “flexibilidade” do mercado de trabalho. O que eu temo, na verdade? Eu temo que tenha pessoas incomodadas com o G-20. Alguns achando que o G-20 é um grupo muito grande e achando que eles não devem se reunir. E tem outras pessoas que acham que era preciso um fórum em que todos os países pudessem participar. A verdade é que não existe como evitar que os grupos existam, ou seja, cada país reúne-se com quem quiser, com quantos países quiser e constitui um grupo.

Agora, o que nós temos defendido é que as Nações Unidas assumam para si a responsabilidade de fazer a grande discussão sobre a crise econômica, porque é o único espaço em que um país de 300 mil habitantes pode falar o mesmo tanto que fala um país de um bilhão de habitantes. Quando



nós defendemos mudanças nas Nações Unidas, o que nós queremos, na verdade, é que ela tenha mais representatividade, que os continentes estejam representados no Conselho de Segurança como membros permanentes. Para quê? Para que as decisões tenham mais legitimidade e para que a ONU volte a ser uma instituição que decida e que se cumpram as coisas. Mas enquanto isso não acontecer, nós vamos continuar trabalhando no G-20, vamos continuar trabalhando no G... agora não é mais [G]-3, é G-14, vamos continuar trabalhando no Ibas – Brasil, China [Índia] e África do Sul.

O caso concreto e objetivo é que se nós analisarmos essa crise como oportunidade, e eu sei que isso é cansativo, mas vocês precisam estar presentes com a proposta de vocês em todos os fóruns, vocês precisam voltar a ser militantes. O que está acontecendo, sobretudo na Europa? Os imigrantes estão pagando a conta, seja latino-americano, seja africano, na verdade são os pobres que vão pagar a conta.

No Brasil, nós acabamos de provar [aprovar] o projeto de lei enviado pelo Executivo [para] a legalização de milhares de imigrantes. Só bolivianos são mais de 50 mil, e nós estamos legalizando a vida deles. Não é justo que por um equívoco de comportamento do sistema financeiro mundial, um boliviano teria [tenha] que ser proibido de ficar no Brasil, um queniano [tenha que] ser proibido de ficar nos Estados Unidos, ou um moçambicano [tenha que ser proibido] de viver na França. Esse é o combate que nós temos que fazer e não podemos permitir que a direita, em cada país, (incompreensível) o imigrante como se ele fosse o mal da nação, ocupando o lugar de uma pessoa do próprio país.

Eu tenho notado que em algumas campanhas políticas o maior instrumento da direita é dizer que vai diminuir a imigração para (incompreensível) o emprego (incompreensível). Nós não podemos permitir que essa visão ideológica possa permanecer no mundo do trabalho. (incompreensível) e essa possivelmente... é praticamente possível a gente



convencer os trabalhadores de que não é o pobre de outro país que está atrapalhando o seu emprego. Essa é uma luta muito difícil, porque muitas pessoas ficam com vergonha, muitas pessoas ficam acuadas e, muitas vezes, os próprios trabalhadores culpam os imigrantes. Então, não é uma luta fácil, mas é uma luta que somente o movimento sindical pode assumir e defender com unhas e dentes.

Eu falo isso muito à vontade porque o meu país tem muitos imigrantes. Só italianos, são quase 30 milhões, italianos e descendentes de italianos; espanhóis, são outros milhões; alemães, são outros milhões; japoneses, são outros milhões; e muita gente da América Latina. Então, eu acho que o Brasil é um exemplo de que a imigração nunca foi problema para nós. Eu não me lembro dos dirigentes sindicais brasileiros fazendo discurso contra a imigração. Esse é um desafio que nós temos que fazer, temos que preparar com cuidado. Agora eu quero me colocar à disposição de vocês. Eu tenho certeza de que o Primeiro-Ministro da Austrália também, tenho certeza de (incompreensível), que a Cristina Kirchner também. Vamos tentar, sem nenhuma procuração, fazer chegar nesses fóruns multilaterais um apelo dos trabalhadores. Agora, uma coisa que é sagrada, que vocês não podem deixar de participar de nenhuma dessas reuniões. Vai ser no G-20? Vocês têm que estar lá; vai ser no G-8? Vocês têm que estar lá; vai ser no G-14? Vocês têm que estar lá, porque a presença de vocês dá força para que a gente produza (incompreensível) da reunião.

Nós temos que aproveitar esse momento. Não sei por que, mas eu acho que há um momento de mudança, no mundo, muito importante. Não é esquecer a crise e voltar ao mesmo que era antes. É, a partir da crise, o que a gente pode fazer de novo, que políticas cada país pode tomar para evitar que haja mais sofrimento para o trabalhador.

E nós temos que contar com as expectativas. Na América Latina nós temos um processo muito grande de renovação de dirigentes, acho que como



nunca houve, na América Latina. Eu disse ao meu amigo Somavía que a eleição do Obama é uma oportunidade, é algo diferente que aconteceu nos Estados Unidos (incompreensível) coisa que era antes. Não sei se em outras reuniões vocês já estiveram com o Obama. Mas é preciso fazer, urgente. Se cada companheiro começar a agir agora e cobrar, nós temos chance de sair da crise em uma situação melhor do que nós entramos na crise. E eu acho que o movimento sindical tem um papel muito importante a cumprir. Eu fico pensando na minha experiência sindical. O trabalhador está bem, ele acha que não precisa de sindicato. Quando tem uma crise dessa magnitude, a tendência natural é os trabalhadores ficarem com medo e não quererem brigar. Mas é exatamente nesse momento que a gente tem que fazer pressão junto aos governos. Eu falo isso porque os companheiros sindicalistas brasileiros vivem me pressionando e eles sabem que eu nunca me recusei a fazer uma reunião com eles, nunca tomamos uma decisão importante sem conversar com eles, porque é mais seguro fazer as coisas quando mais gente está de acordo. Os companheiros brasileiros podem até ter críticas, mas eles sabem que desde a proclamação da República no país, eles nunca tiveram uma relação tão democrática como a que eles têm com o meu governo.

Isso é uma coisa que nós temos que aproveitar a oportunidade. Cada país... Nós temos que construir as nossas propostas e discutir com os governantes. Da minha parte, eu gostaria de recebê-los em todos esses eventos internacionais, mas que a voz de vocês chegasse lá como chega a voz de qualquer outro segmento social. Nós vamos ter agora, na Itália, o G-14 e acho importante, Luis, (incompreensível). Eu vou chegar a Roma acho que um dia antes. Quem sabe a gente possa chamar outras pessoas, porque eu acho que vocês podem ajudar a encontrar a saída.

Vocês viram que nessa crise o FMI não teve resposta, o Banco Mundial não teve resposta e os governantes, muitos, estão sem resposta, porque estava todo mundo, ao longo do tempo, acostumado a tratar de crises em



países pobres. Quando a crise chega nos países ricos, eles não (incompreensível).

Amanhã nós vamos ter uma reunião dos Brics. Por incrível que pareça, China, Índia, Brasil e Rússia têm uma contribuição enorme a dar nessa crise. Primeiro, porque somos metade da população do mundo. Segundo, porque adotamos políticas anticíclicas que estão dando certo. E esse momento exige ousadia. Não adianta ficar esperando o tempo se encarregar de resolver a crise: resolve-se o problema dos bancos e não se resolve o problema da produção e do emprego.

Então, eu gostaria que vocês preparassem o documento de vocês e mandassem para todos os presidentes. E, na hora, nós vamos ver quem vai levar o documento de vocês na [para a] reunião. Se todo mundo receber, fica mais fácil para a gente. Portanto, vamos lutar para que a OIT participe do G-20 e vamos lutar para que o movimento sindical possa se fazer ouvir nesses fóruns em que se discute os problemas importantes da humanidade.

Muito obrigado (incompreensível).

(\$211B)